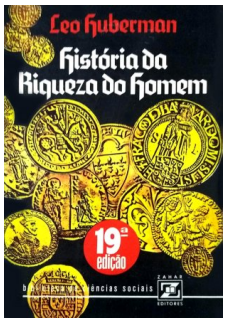
APAIXONADOS POR HISTÓRIA

# ANOTAÇÕES DE LEITURA




## HISTÓRIA DA RIQUEZA DO HOMEM
de Leo Huberman

Páginas: 318
Última leitura: Julho/2022

Ver no site

***Sobre as anotações:***
*Revisado. Bom!*

## ÍNDICE

Prefácio

### Parte 1 - Do Feudalismo ao Capitalismo
1 - Sacerdotes, guerreiros e trabalhadores
2 - Entra em cena o comerciante
3 - Rumo à cidade
4 - Surgem novas ideias
5 - O camponês rompe amarras
6 - "E nenhum estrangeiro trabalhará..."
7 - Aí vem o Rei!
8 - "Homem rico..."
9 - "...Homem pobre, mendigo, ladrão"
10 - Precisam-se trabalhadores - crianças de dois anos podem candidatar-se
11 - "Ouro, grandeza e glória"
12 - Deixem-nos em paz!
13 - "A velha ordem mudou..."

### Parte 2 - Do capitalismo ao...?
14 - De onde vem o dinheiro?
15 - Revolução - Na indústria, agricultura e transporte
16 - "A semente que semeais, outro colhe..."
17 - "Leis Naturais" de quem?
18 - "Trabalhadores de todos os países, uni-vos!"
19 - "Eu anexaria os planetas, se pudesse..."
20 - O elo mais fraco
21 - A Rússia tem um plano
22 - Desistirão eles do açúcar?

## PREFÁCIO

*Texto curto sobre os objetivos da obra.*

Objetivo do livro - 7 topo
Importância da economia na história - 7 p1
O que tentará explicar - 7 p2

# PARTE 1 - DO FEUDALISMO AO CAPITALISMO

## 1 - SACERDOTES, GUERREIROS E TRABALHADORES

*A economia e a sociedade na Alta Idade Média, antes da revolução comercial. A exploração do camponês e a atuação da Igreja e da nobreza. Estrutura do poder feudal e suas hierarquias.*

O dinheiro é muitas vezes ignorado ao contar a história medieval - 11
As três classes: sacerdotes, guerreiros e camponeses - 11 final
Qual o tipo de trabalho que existia? - 12 p1
O feudo - 12 p2/14
O senhor e o castelo - 12 p3
Domínio e faixas de terra - 12 p4/13 p1
Conhecimento agrícola medieval - 13 p2
Sistemas de três campos - 13 p2/14 topo
O camponês - 14
Prioridade à terra do senhor - 14 p2
Camponês era escravo? - 15
Os vários graus de servidão - 16
Servo preso à terra, não podia fugir - 17
"O costume do feudo" e a justiça medieval - 18
Estruturação do poder feudal e hierarquias - 18 p2/19
Terra era a riqueza do período feudal - 19 p3
Guerras constantes por terras - 19 final/20
O termo vassalo - 20
Deveres do vassalo - 20/22 p1
Heranças - 20 p3/21 p2
Mulheres - 21
A igreja como senhora feudal - 22 p2/24
Igreja proprietária de 1/3 das terras da Europa - 22 p3
Boas ações da igreja - 23 p3
Aumento das terras da igreja, proibição de casamento e dízimo - 23 p4
Igreja opressora - 23 final/24
Caridade da igreja nessa época é exagerada (não era tanta) - 24 p2
Igreja, nobres e camponeses e seus papéis - 24 p3/p4

## 2 - ENTRA EM CENA O COMERCIANTE

*Os limites econômicos na Alta Idade Média. A revolução comercial dos séculos 11 e 12. As Cruzadas. Veneza e as cidades italianas. O comércio no Mar do Norte e Bruges. As Feiras medievais.*

Aplicação de capital hoje em dia - 25 p1
O capital medieval era estático e improdutivo - 25 p2
Economia de subsistência - 25 p3/26 p1
Intercâmbio de mercadorias (comércio) - 26 p2
Mercados semanais fracos e estradas ruins - 26 p2
Salteadores e pedágios - 26 final
Dinheiro escasso e moedas diferentes - 27 p1
=====
Transformações e revolução comercial no séculos 11 e 12 - 27 p2
As cruzadas - 27 p3/30
Razões econômicas das Cruzadas - 27 p3 final/p4
Motivos de cada grupo:

- A Igreja - 28 p1
- O Império Bizantino - 28 p2
- Os nobres - 28 p3
- Cidades italianas - 28 p4/30 p2

Veneza (abaixo) - 28 p4/30 p2



A 3° cruzada e as cidades italianas - 29 p1 final
A 4° cruzada - 29 p2/30 p2

- Veneza forneceu navios para transporte de 4.500 cavalos e cavaleiros, 9000 escudeiros e 20 mil soldados + fornecimento de alimentos por 9 meses + 50 galés armadas
- Pagamento: 85 mil marcos + metade dos lucros obtidos em terras e riquezas

Consequências das Cruzadas - 30 p2
O comércio no mar do Norte - 30 p3/p4
Bruges (abaixo) - 30 p4





As Feiras de Champanhe - 30 p4, 31 p2 final, 32 p2/p3
As Feiras - 31 p2/34
Diferenças entre mercados semanais e as feiras posteriores - 31 p3/32 p1
Vantagens das feiras para o senhor feudal (oportunidade de cobrar taxas) - 32 p4/33 p1
Polícia das Feiras - 33 p2
O programa das Feiras - 33 p3
Troca de dinheiro nas feiras e operações financeiras - 33 p4/34 p1
Problemas do escambo nos primórdios da idade média - 34 p2

- As vantagens do dinheiro

## 3 - RUMO À CIDADE

*O crescimento das cidades na Baixa Idade Média. As Ligas Comerciais e a Liga Hanseática. A busca pela liberdade das cidades do poder dos senhores feudais. As cartas de franquia.*

Crescimento das cidades - 35/36
As cidades no início da idade média - 35 p2
Onde as cidades surgiram - 35 p3
Conflito entre senhor feudal e cidades - 36 p3/40
Corporações ou Ligas comerciais - 37 p2
O que queriam os mercadores das cidades? - 37 p3/39 p2

- Tribunais e leis próprias - 38 p3
- Impostos próprios - 39 p2

Senhores vendem direitos aos cidadãos - 39 p2/p3
Frase foda! - 40 p1 final

- “Quando as divergências são de grande alcance, preferimos tentar matar o outro homem a deixá-lo praticar suas ideias” - Oliver Wendell Holmes

Conflitos armados entre cidades e senhores - 40
A organização das novas cidades (diversos tipos) - 40 p3/41
Cartas de franquia - 41
A liderança dos mercadores nas cidades - 42 p2, 43 p2
A busca de privilégios pelas associações de mercadores (monopólio do Comércio) - 42/44
O poder da Liga Hanseática - 44 p2
Surge um novo tipo de riqueza: O dinheiro - 44 p4

## 4 - SURGEM NOVAS IDEIAS

*Sobre o conceito de Usura na Idade Média e como essa doutrina cedeu diante do avanço do capitalismo.*

Naturalidade do empréstimo a juros hoje - 45 p1
Cobrança de juros era vista como pecado na Idade Média (Usura) - 45 p2
Porque era visto dessa forma - 46 p2/48 p4
A prática do empréstimo a juros era praticada mesmo assim - 48 p5
Doutrina da usura limitava crescimento - 49 p2/p3
Quando houve o choque da doutrina com as mudanças econômicas, a doutrina veio abaixo - 49 p4/50

## 5 - O CAMPONÊS ROMPE AMARRAS

*A revolução comercial do século 12 causou mudanças na sociedade. A ampliação da área cultivável e o crescimento populacional. O fim das obrigações feudais e a emancipação do servo. A Peste Negra e suas consequências econômicas. As revoltas camponesas.*

As mudanças na sociedade - 51
Aumento da produção agrícola (novos métodos e novas terras) - 51 p2
Ampliação da área cultivável - 52
Carta de concessão de terras de 1106 (bispo de Hamburgo e holandeses) - 53
Caráter de pioneirismo e colonização nessa expansão (crescimento populacional) - 52/54

Falta de incentivo ao servo para produzir mais - 54 p2, 55 p3
O servo e o fim das obrigações feudais - 54 p2/57
O senhor deseja dinheiro - 55 p2
Compra da liberdade pelo servo - 56 p1
Resistência a esse movimento por parte de alguns senhores - 56 p2/57 p1
Principal adversário a emancipação foi a Igreja - 56 p3/57 p1
Rebeliões camponesas - 57 p2/p3, 59 p3/61 p2
A peste negra - 57 p4/58 p2
As consequências da peste - 58 p3/61

- Valorização do trabalho do camponês
- Preço do trabalho alugado aumenta
- Revoltas camponesas
- Aceleração do processo de fim do trabalho servil, levando a emancipação
- Terra começa ser comercializada como qualquer mercadoria

Execução do camponês Adam Clymme - 60/61

- The Peasants' Revolt in Ely (1381)
- https://sites.rootsweb.com/~engcam/history/prevely.html

Servidão permaneceu em áreas mais afastadas - 61 p2 final

## 6 - "E NENHUM ESTRANGEIRO TRABALHARÁ..."

*Sobre as corporações de ofício na Baixa Idade Média. O monopólio das corporações. O conceito de preço justo. A elitização das corporações. O século 14 é um período de conflito de classes dentro das corporações. Levantes do final do século 14.*

A indústria na Alta Idade Média - 62 p1
Revolução comercial estimula a indústria - 62 p2/63 p1
Aprendizes e jornaleiros - 63 p2/p3
Artesãos eram donos das ferramentas e da matéria-prima - 63 p4
Corporações de ofício - 64
Preconceito com associação e corporações na atualidade - 64 p1
Interesses de mestres, artesãos e jornaleiros eram os mesmos - 64 p2
Estatuto da corporação dos curtidores de couro (século 14) - 64 p3/65
O que mostram os estatutos? Como as corporações funcionavam - 65 final/70
O monopólio das corporações - 66 p3/67 p1
Sem Lei de patentes, como se mantinham os segredos do ofício - 67 p2
Supervisores das corporações e sua fiscalização - 68 p2
"Justo preço" - 68 p2 final/70 p2
Conceito de preço justo foi substituído mais tarde pelo preço de mercado - 70 p2/72 p2
Desenvolvimento do mercado e da economia - 70 p3
Características fundamentais do sistema de corporações - 72 p3
As mudanças no sistema partir do século 14 - 72 p4

- Surgem corporações inferiores e superiores
- Uso maior de assalariados
- Elitização no comando das corporações

Grandes corporações tomam o controle de algumas cidades - 73 p1/p2
Distância entre mestres e jornaleiros aumenta, se torna mais difícil virar mestre - 73 p3/74 p1
Interesses de mestres e jornaleiros começa a se chocar - 74 p2
“Sindicatos” (associações de jornaleiros) - 74 p2/75 p1

- irritam os mestres e as autoridades

Leis dos trabalhadores do século 14 - 75 p3/76 p2

- Tentando oprimir mais os jornaleiros
- Tentam congelar salários em meio a peste negra
- Leis não pegaram

Trabalhadores que não estavam em nenhuma associação se ferravam - 76 p2
Conflitos de classes se intensificam - 76 p2/77
Levantes no final do século 14 - 77 p1
Corporações e cidades decaem diante do poder dos reis - 77 p2

## 7 - AÍ VEM O REI!

*A ascensão dos reis e dos nacionalismos no final da Idade Média. Dependência do rei do dinheiro da burguesia. Práticas protecionistas. Choque do rei com a Igreja. Porque a reforma religiosa era inevitável?*

O latim e seu uso na Idade Média - 78
Não haviam países - 79 p1
Comércio e Indústria não eram nacionais - 79 p2
O surgimento das Nações - 79 p3/p4
A ascensão da classe média (burguesia) que queria ordem e segurança - 79 p4/80

Por que a ordem feudal era ruim para os negócios - 80 p2
Ascensão dos Reis - 80 p3/92
Rei pega dinheiro emprestado da burguesia - 80 p final/82
Reis criam impostos - 82 p final/83 p1
Reis atacam as corporações e suas regulações - 83 p3/84
A unificação tardia da Itália e da Alemanha - 84 p2
Pacto entre monarquia e burguesia - 85 p1
Ataque do governo inglês aos comerciantes venezianos e a Liga Hanseática, defesa dos mercadores ingleses (1534-1540) - 85 p3/86 p1

- prévia dos Atos de Navegação do século seguinte
- Sede da Liga Hanseática em Londres foi fechada em 1597 - 86 p1

O sentimento de nacionalidade - 86 p2/87 p6
O choque do Rei com a igreja - 87 p6/92

- Nomeação de bispos
- Igreja tinha metade das terras e não pagava impostos - 87 p final
- Tribunais religiosos x normais
- Os abusos da igreja

Porque a reforma religiosa não aconteceu na Idade Média? - 90
Os reformadores medievais: Wycliffe e Hus - 90 p2
Lições aprendidas por Lutero e Calvino: não atacar a ordem social e econômica, apenas a religiosa e política - 90 p2/91

- Autor cita trechos de escritos de Lutero incentivando que nobres matem os rebeldes

A reforma era inevitável pois a Igreja ia perdendo poder e importância, alguns exemplos - 91 p final/92

- Trégua de Deus substituída por Exército do Rei
- Igreja controlando a educação > Escolas e universidades independentes
- Direito da igreja substituído por Direito romano
- Intelectuais da igreja substituídos por classe média com formação universitária

O caráter da reforma protestante na época moderna - 92 p2/p3

## 8 - "HOMEM RICO..."

*O que é a desvalorização da moeda. As ideias mercantilistas. A descoberta da rota para as Índias cruzando a África. A revolução comercial do século 16. Surgem as sociedades de ações para o comércio marítimo. O poder dos mercadores e banqueiros nos séculos 16 e 17 e a Casa bancária Fugger. Antuérpia como centro financeiro. Feiras medievais são superadas por um novo modelo.*

Estados Unidos desvaloriza dólar em 1934 - 93 p1/p2
A desvalorização da moeda na história - 93 p1/p2

- Busca de lucros para a coroa/governo
- Leva a elevação dos preços

O que é a desvalorização da moeda? - 93 p3/96 p1
Como isso prejudica os pobres - 94 p2
Copérnico e a sua opinião sobre a desvalorização da moeda - 95 p3
Leis para impedir saída de Ouro e Prata dos países - 96 p2
Privilégios especiais concedidos aos mineiros de ouro e prata - 96 p3/97 p1
As descobertas de minas - 97 p2
A dependência da indústria e do comércio do oriente e os preços altos pela rota veneziana - 97 p3
Mediterrâneo era Lago Veneziano - 98 p1
Novas invenções: Bússola, astrolábio e cartas marítimas - 98 p2
Busca de novo caminho para as índias - 98 p2/p4
Busca por outras rotas após a viagem de Vasco da Gama - 98 p4
Os lucros da primeira viagem de Vasco da Gama (6000%) (abaixo) - 98 p5



Fim do monopólio Veneziano e mudança do eixo comercial para o Atlântico - 99 p1/p2
A importância da revolução comercial - 99 p3
Criação de novas companhias comerciais marítimas - 99 p4/100 p1, 101 p3
O dinheiro necessário para manter essa expansão e seus custos - 100 p1/p3
Necessidade de novo tipo de associação para financiar esses empreendimentos - 100 p3/101

- A organização por ações, criada no século 16

A sociedade dos Aventureiros Mercadores da Inglaterra - 100 p1,100 p4
A participação acionária da Rainha Elizabeth nas expedições de Drake (abaixo) - 100 final/101 p2




Monopólio comercial concedido às companhias - 101 p4

Companhias buscavam lucros para os acionistas - 102 p1
Esse foi o período da formação das riquezas necessárias para a expansão Industrial do século 17 e 18 - 102 p2

- Acumulação Primitiva de Capital

O poder dos mercadores e banqueiros nos séculos 16 e 17 - 102 p3
A Casa bancária Fugger - 102 p4/103 p2, 104 p1

- O verdadeiro poder do século 16
- Jacob Fugger, o homem mais rico do mundo (abaixo)




Outras casas bancárias da época - 103 p3/104 p2
Antuérpia (abaixo), na atual Bélgica, era o centro financeiro - 104 p3/106




Uso de amostras padrão para vendas - 104 final/105 p1
Feiras medievais são superadas por novo modelo - 105 p1
Banqueiros inventam novos mecanismos financeiros no século 16 - 105 p2/106
Idade dos Fugger não foi época de prosperidade e felicidade para humanidade - 106 p3

## 9 - "...HOMEM POBRE, MENDIGO, LADRÃO"

*A pobreza na Europa devido a elevação dos preços causada pela entrada do ouro e prata da América. Os cercamentos. Nova visão sobre a terra. Criação de exército industrial de reserva.*

O grande número de mendigos no século 16 e 17 - 107 p1
1/4 da população de países europeus era de mendigos em 1630 - 107 p1
A ruína causada pela Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) - 107 p2/108 p1
O papel do novo mundo: Prata e ouro da América elevam os preços na Europa - 108 p2, 109 p2
A prata espanhola - 108 p3/109 p1
Aumento na oferta de dinheiro e suas consequências - 109 p3
Os escritos econômicos de Godin e Cantillon e a visão econômica da época - 111
Quem se beneficiou com os aumentos de preços: mercadores e arrendatários - 111 p4/112 p1
Quem foi prejudicado com os aumentos de preços: Os governos, trabalhadores, proprietários e agricultores - 112 p2
Salários nunca acompanham a elevação dos preços - 112 p3
A causa dos cercamentos - 113 p5
Os cercamentos - 114/115
A elevação dos preços dos arrendamentos - 116/117
Leis da coroa para tentar impedir cercamentos e elevação dos arrendamentos - 117 p final/118 p1

- Final do século 15 e todo século 16

Nova visão sobre a terra: fonte de renda - 118 p2
Criação de exército industrial de reserva - 118 p3

## 10 - PRECISAM-SE TRABALHADORES - CRIANÇAS DE DOIS ANOS PODEM CANDIDATAR-SE

*A queda das corporações de ofício e o avanço do sistema doméstico. Surge o capitalista intermediário. Os investimentos na indústria nos séculos 16 ao 18. As fases da evolução industrial.*

A expansão do mercado - 119 p1/p2
Mudança nas relações de trabalho - 119 p3/120
Surge ou intermediário (mercador e comerciante) - 120 p2
Sistema de produção doméstica - 120 p3
Especialização (divisão do trabalho) no século 17 - 120 p4
A resistência das corporações - 120 p final/122
A queda das corporações - 121 p2
As fábricas no sistema doméstico - 121 p3/124 p1
Capitalistas e as assalariados - 124 p2
A importância do capitalista - 124 p3/final
Companhias de ações começam a ser feitas para financiar a indústria - 124 p5
Novas indústrias: Açúcar, tabaco, etc - 125 p1
Entre os séculos 16 e 18 desaparece o artesão, seu lugar é tomado pela assalariado -125 p2
As fases da organização industrial - 125

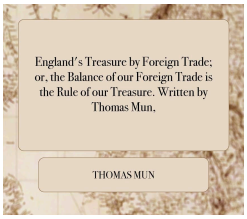
- Sistema familiar (Alta Idade Média) - subsistência
- Corporações (Baixa Idade Média) - mercado pequeno
- Sistema doméstico (século 16 ao 18) - mercado maior
- Sistema Fabril (século 19 até hoje) - mercado global

Observações sobre esta divisão acima - 126
Estatísticas de exploração do trabalho nos EUA em 1934 - 127/128

## 11 - "OURO, GRANDEZA E GLÓRIA"

*A política mercantilista. A balança comercial favorável, a posse do ouro e prata, estímulo à indústria e comércio. Concessão de monopólios. Colbert na França. Holanda como potência econômica e os Atos de Navegação na Inglaterra de Cromwell.*

O que faz um país rico? - 129
Primeira vez que se pensou em economia nacional - 129
Mercantilismo - 129
Importância da posse do ouro e prata e leis proibindo a sua saída dos países - 130/131
A balança comercial favorável - 131 p6/132
A companhia inglesa das Índias e o livro de Thomas Mun (abaixo) sobre a produção de riqueza pelo comércio e pela indústria - 132 p3




Importância e estímulo à indústria - 132 p4/137
Taxação de produtos importados - 134 p2
Atração de trabalhadores estrangeiros especialistas - 134 p3, 135 p1
Colbert na França (abaixo) - 134 p3, 136 p1/p2, 142 p1

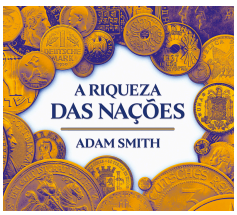


Estímulo a inventores - 135 p2
Fábricas estatais - 136 p1
Subsídios à indústria - 136 p2
Desejo de aumentar empregos e atenção a produção de cereais para alimentar o povo - 137 p1
Importância da construção de navios - 137 p2/138 p1
Holanda como potência - 138 p2
Atos de navegação na Inglaterra - 138 p3/139 p2
Como esses atos favoreceram os colonos das treze colônias - 139 p2
Leis inglesas contra indústrias nas colônias - 139 p3
Leis inglesas para que certas matérias-primas coloniais fossem vendidas só para Inglaterra - 140 p2/p3
Atritos com a colônia - 140 p4/p5
O mercantilismo - 141
Visão de que comércio só poderia ser aumentado às custas de outros países - 141 p3/142
Política mercantilista levava a guerras - 142 p2

## 12 - DEIXEM-NOS EM PAZ!

*O liberalismo econômico. Adam Smith e a obra A Riqueza das Nações. O fim do mercantilismo. Os fisiocratas franceses (Laissez-Faire).*

Revolta contra o mercantilismo e a favor do livre comércio - 143
1776 - Declaração de Independência das 13 Colônias + Publicação de *A Riqueza das Nações* de Adam Smith
O protesto dos produtores de lã da Prússia em 1700, a favor do livre comércio - 143 p2/144 p2
Petição dos mercadores da cidade de Londres em 1820 contra práticas mercantilistas - 144 p3/145 p1
O livro de Adam Smith (abaixo) - 145 p2






Outras obras que criticavam o mercantilismo - 145 p3/147
David Hume prova que a posse de Ouro e Prata não torna um país rico - 146 p4/147
O controle excessivo da indústria na França - 148 p2
Os fisiocratas franceses - 148/151 p3
Laissez-Faire - 149 p2

Sobre os fisiocratas - 149 p3
Destaque dos fisiocratas para a agricultura - 150 p2/151 p1

- Terra é a única fonte real de riqueza

Legado dos fisiocratas para a economia - 151 p2
Adam Smith sobre os fisiocratas - 151 p3
A importância da obra A Riqueza das Nações - 151 p4/152 p1, 154 p4

- Deu o golpe de morte no mercantilismo

Smith sobre a divisão do trabalho (a fábrica de alfinetes) - 152 p2/154 p1
Smith sobre a interferência na indústria - 154

## 13 - "A VELHA ORDEM MUDOU..."

*Sobre a Revolução Francesa e o que ela representou: a luta da burguesia e a ascensão do capitalismo.*

Os impostos injustos na França do século 18 - 155
O protesto dos privilegiados contra a possível instituição de impostos em 1776 - 155 final/156 p1
O clero e a nobreza francesa - 156 p2

- Juntos eram cerca de 270 mil

O terceiro estado: O povo - 156 p3

- Cerca de 24 milhões dos quais 250 mil eram a burguesia e 22 milhões de camponeses, o resto artesãos

Os gastos absurdos do governo francês - 156 p4/157 p2
As taxas e impostos sobre o camponês - 157 p3/158 p3
Camponês francês era servo? Alguns sim - 158 p2
Nobreza parasita - 158 p2
A revolução francesa - 158 p4
Porque a Revolução Francesa foi diferente e mais bem sucedida que as outras revoltas camponesas - 159 p3/final
O apoio da burguesia - 159 p4/160
Quem era a burguesia e o que ela queria? - 160/161 p1
O orgulho ferido da burguesia (humilhada constantemente pela nobreza) - 160 p2
O caos da França pré-revolucionária - 161 p2/p3
O panfleto "O que é o terceiro Estado?" - 161 p4/final
Burguesia foi quem mais lucrou com a revolução - 161 p final/163
Terras tomadas da igreja e dos nobres. Interessante tópico de pesquisa. Como? - 162 p1
Marat sobre a tomada do controle da revolução pela burguesia - 162 p2
O Código Napoleônico e a defesa da propriedade privada - 162 p4
A importância de Napoleão - 163 p2
18 de Brumário de Luís Bonaparte (1852) obra de Marx (abaixo) - 163 p3




Revolução burguesa na Inglaterra - 163 p4/164
As três batalhas da burguesia para o estabelecimento do capitalismo - 164 p3

- Reforma Protestante
- Guerra civil Inglesa e Revolução Gloriosa
- Revolução francesa

## PARTE 2 - DO CAPITALISMO AO...?

## 14 - DE ONDE VEM O DINHEIRO?

*Diferença entre dinheiro e capital. Sobre a acumulação primitiva do capital e como ela foi feita. O processo de fechamento das terras comuns. Êxodo rural e estímulo ao sistema fabril. A adaptação das doutrinas religiosas ao novo ideário capitalista.*

Diferença entre dinheiro e capital - 167/168
Explicação boa - 168 p1
O capitalista e o capital - 168
Como se deu a acumulação primitiva de capital - 168 p5/173 p1

- As cidades italianas e o comércio - 169 p1/p3
- O ouro e a prata das Américas - 169 p4/final
- A Holanda e o acúmulo de capital (abusos cometidos durante conquistas holandesas) - 170 p1/p3
- A Inglaterra e o acúmulo de capital - 170 p4/171 p1
- O comércio de escravos - 171 p2/173 p1

A necessidade de trabalho para proporcionar lucro e usar esse capital - 173 p2
Homem só trabalha para outro se é obrigado (não é a ordem natural das coisas) - 173 p3/174 p1
Processo que cria o capitalismo é história de como trabalhadores foram privados dos meios de produção - 174 p2
Fechamentos (da terra):

- As origens na Inglaterra - 174 p3
- Leis de Fechamento no séculos 18 e 19 - 174 p4/175
    - Perda das terras comuns e criação de latifúndios
- Fechamentos na França - 175 p2
- O que queriam os proprietários que expulsavam os camponeses da terra - 176 p3
- Fechamentos na Escócia - 176 p final

Para onde foi o camponês: Êxodo rural e fábricas - 177
O fim do sistema doméstico, vence o sistema fabril - 177 p final/179 p2
Economia alterou a superestrutura - 179 p3
A religião se adapta ao ideário capitalista - 179 p3/181

- Puritanos, metodistas, calvinistas, puritanos norte-americanos e Benjamin Franklin

Prenúncio do capitalismo industrial - 182

## 15 - REVOLUÇÃO - NA INDÚSTRIA, AGRICULTURA E TRANSPORTE

*Capítulo simples e curto sobre a revolução industrial, foca mais na revolução agrícola e no crescimento populacional que ocorreu no mesmo período.*

Máquina a vapor de Watt - 183
Importância da máquina a vapor - 184 p1
Expansão da Indústria - 184 p2
Crescimento populacional no século 18 - 184 p3/186
Redução da taxa de mortalidade - 184 p3/p4
A revolução agrícola proporcionou uma melhor alimentação - 184 p final/186 p3

- Importância da introdução do nabo na agricultura
- Melhoria nas raças - criação científica de animais (mais carne)
- Novas máquinas e ferramentas no campo
- Importância do fechamento das terras para esta revolução - 186 p2
- Investimento de capital na agricultura

Revolução nos Transportes - 186 p4/p5

- Melhoramentos em estradas
- Abertura de canais
- Ferrovias
- Navio a vapor

As transformações da época - 186 p6

## 16 - "A SEMENTE QUE SEMEAIS, OUTRO COLHE..."

*Sobre a exploração do trabalho na Inglaterra da revolução industrial e sobre a união dos trabalhadores em sindicatos e greves. Também fala da repressão do governo e dos industriais aos trabalhadores. Sobre o movimento ludita.*

As causas das greves do século 19 ao 20 - 187
A desigualdade social na Inglaterra da Revolução Industrial - 188
O que um marciano acharia dessa situação - 188 p3
Sistema fabril intensificou divisões sociais e econômicas - 189 p1
A miséria do novo mundo industrial - 189 p2/p8

Máquinas tinham que ficar ligadas o máximo possível - 189 p9
Carga horária de 16 horas - 189 p9/190
A disciplina das fábricas - 189 p final/190 p3
Suprema exploração do trabalho - 190
Trabalho infantil - 190 p final/192
Funcionários apanhando - 191 p final
Senhor de escravo surpreso pelo nível de exploração do trabalho na Inglaterra - 192 p2 final/p3
O crescimento das cidades e a péssima condição de vida - 192 p3/193 p1
A visão e o comportamento dos ricos com relação à pobreza - 193 p2/196 p2
Igreja ajudando a manipular os pobres oprimidos - 195 p3/196 p2
A visão dos ingleses ricos sobre a Revolução Francesa - 196 p2
A Luta dos Trabalhadores - 196 p3/197

- Limitação da carga em 10 horas

O uso que os ricos faziam (e ainda fazem) das idéias de Adam Smith - 197
O movimento Ludita (destruidores de máquinas) - 197 p4/198

- Em 1812 Parlamento decreta pena de morte para esse crime - 198 p final

Discurso de Lord Byron (abaixo) defendendo os luditas - 198 final/199 p3



Petições de funcionários aos patrões pedindo aumento - 199 p final/200 p1
Petições ao Parlamento - 200 p1/p2
Trabalhadores nos tribunais contra os patrões - 200 p3/final
Adam Smith sobre como o governo defende os ricos contra os pobres - 201 p1
Luta dos trabalhadores pelo direito ao voto - 201 p2/p3
O movimento cartista e as reivindicações - 201 p3/202 p2
Organização de Sindicatos - 202 p2/206
Conflitos de classes segundo Adam Smith - 203 p3/p4
Perseguição do governo aos sindicatos - 203 p2/206
Hipocrisia do juiz ao dar sentença contra sindicalistas - 204 p2/p3
Elevações de salários graças à greves - 204 p4 final
Violência contra sindicalistas - 205 p2/p3
Poema de Percy Shelley (abaixo) sobre a exploração do trabalho pela Revolução Industrial - 206



## 17 - "LEIS NATURAIS" DE QUEM?

*Sobre os economistas clássicos ingleses no século 19 e suas ideias que justificavam a exploração do trabalho. Sobre a oposição a essas ideias, com destaque para o economista alemão Friedrich List.*

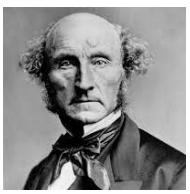
A formulação das “leis naturais” da economia - 207
Teorias da evolução industrial = "economia clássica" - 208 p1
Economistas da escola clássica - 208 p2

- Adam Smith, David Ricardo, Thomas Malthus, James Mill, John Ramsay McCulloch, Nassau Senior, John Stuart Mill









Economia clássica justificava atos dos patrões - 208 p3/209 p1
Qual a função do governo para esses liberais - 209 p2/p3
Concorrência é lei natural que regula tudo - 209 p4
Adam Smith escreveu antes da Revolução Industrial, mas seus escritos foram usados para justificar os abusos cometidos por ela - 209 p5
William Godwin (abaixo) e sua obra sobre justiça política - 209 p6



Thomas Malthus e sua teoria populacional - 209 p6/211 p4
David Ricardo - 211 p5/215

- Lei férrea dos salários - 212/213 p3

- Lei da renda (crítica a Lei do trigo) - 213 p4/215

Turgot (abaixo) - 212 p2



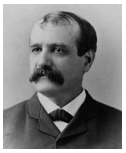
Conflitos entre latifundiários e industriais - 215 p3/216 p1

- Rivalidades por causa da discussão sobre a Lei do Trigo, que favorecia latifundiários e prejudicava os industriais
- Latifundiários apoiaram trabalhadores contra os industriais
- O que levou a Lei Fabris

A doutrina de Nassau Senior sobre a impossibilidade de reduzir horas trabalhadas - 216 p2/p3

A doutrina do Fundo de Salários e John Stuart Mill (justificava a impossibilidade de aumentar salários) - 216 p4/220

Francis Walker (abaixo) destrói a teoria do Fundo de salários em 1876 - 219 p2



O próprio John Stuart Mill se retrata em 1869 - 220 p2

Desconfiança que os trabalhadores têm da “Ciência Econômica” - 220 p3

Economia vira arma da classe burguesa - 220 p4/221 p1

A parcialidade dos economistas clássicos ingleses que defendiam o livre comércio que favorecia a Inglaterra - 221 p2

Nos Estados Unidos se adota o protecionismo - 222 p4

Economista alemão Friedrich List (abaixo) ataca o livre comércio - 223/224

- esse é o cara!



"Livre comércio só depois do país ser desenvolvido" - 223 p1

Produzir riquezas é mais importante que ter riquezas - 223 p2

Economia clássica começou a perder um pouco de força na metade do século 19 - 224 p2

Surge Karl Marx - 224 p2

## 18 - "TRABALHADORES DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!"

*Sobre o socialismo. Os socialistas utópicos. Karl Marx e Engels. O Manifesto do Partido Comunista e O Capital. O materialismo histórico. Os conflitos de classes como força motora das mudanças na sociedade. A revolução dos trabalhadores e porque o capitalismo está fadado ao fracasso.*

Formulando a utopia - 225

Críticas ao capitalismo. O socialismo - 225 p3/226 p1



Karl Marx (acima com Engels) - 226 p2/245

- Quase não escreveu sobre o futuro - 226 p3
- Se dedicou ao passado e ao presente
- A obra O Capital
- A economia do trabalhador
- Capitalismo se baseia na exploração do trabalho alheio

Não é fácil ver a exploração do trabalho no capitalismo - 226 p6/227 p3

A teoria da mais-valia - 227 p3/233

Conceito de trabalho social - 228 p2

O conceito de mais-valia - 231 p5/233 p7

Marx e Abraham Lincoln (abaixo) - 233 p8/final



Os socialistas utópicos - 233 p final/235 p1

- Robert Owen, Charles Fourier, Saint-Simon, Etienne Cabet






Marx ridicularizando os utópicos - 235 p2/final
O Manifesto do Partido Comunista (abaixo) - 235 p2




A Interpretação da história por Marx e Engels (materialismo histórico) - 236 p2/238

- A economia é o mais importante - 237 p1
- Vida material determina o caráter da vida social, política e espiritual - 237 p3
- Modificações econômicas causam as mudanças - 237 p3/238 p1
- Materialismo histórico torna a história inteligível - 238 p2

Os conflitos de classe como forças motoras da sociedade - 238
As contradições do capitalismo que levaram a sua queda - 239
Quem faria a revolução? - 240
Marx como revolucionário - 240 p4/241 p2
A Primeira Internacional - 240 p final
A abolição da propriedade privada - 241 p3/242
Porque a revolução não pode ser feita dentro do Estado? - 242 final/243
O Estado existe para defender a classe dominante - 243

- “O executivo de um Estado moderno é apenas uma comissão para administrar os negócios comuns de toda a burguesia.” (p.243)
- “O poder político (...) é apenas o poder organizado de uma classe para a opressão de outra.” (p.243)
- “Sempre que a legislatura tenta regulamentar a diferença entre os senhores e seus trabalhadores, seus conselheiros são sempre os senhores.” - Adam Smith (p.243)
- “Os donos do governo dos Estados Unidos são os capitalistas e industriais dos Estados Unidos.” - Woodrow Wilson (p.244)

Porque a revolução não pode ser democrática e pelo voto? - 244

- Exemplo de vitória comunista pelo voto que não foi tolerada na Bulgária em 1932 - 244/245 p2

“Ou o socialismo ou caos” - 245 p final
Só o socialismo distinguiria o homem dos animais - 245 p final

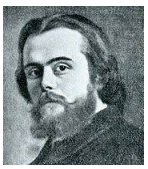
## 19 - "EU ANEXARIA OS PLANETAS, SE PUDESSE..."

*Sobre a Teoria da Utilidade Marginal e como ela mostrava que controlar a oferta é controlar o preço. A formação de trustes e cartéis para controlar os preços através do controle da oferta. Os grandes monopólios do século 19 e o estímulo ao imperialismo pelo mundo. As ações imperialistas na África.*

A teoria do valor de Ricardo e Marx - 246 p1/p2
Nova teoria do valor: Teoria da Utilidade Marginal - 246 p3/251

- Formulada por Stanley Jevons, Karl Menger e Léon Walras (abaixo)
- Valor depende da utilidade
- Rompimento com as escolas clássicas e marxistas





Utilidade é subjetiva - 247 p2/p3
Conceito de "Margem" - 247 p4/251

- Exemplos com carros, geladeiras, refrigerantes, bolas de futebol e outras

Controlar a oferta é controlar o preço - 251 p3/251 p1

O livre comércio inglês é limitado pelos protecionismos de vários países no final do século 19 - 252 p2
Trustes e cartéis - 252 p3/p4

- Substituição da concorrência pelo monopólio

A revolução na comunicação e transporte dos Estados Unidos no final do século 19 - 252 p final/253 p1

- Ferrovias, barcos a vapor e telégrafos

A luta entre as grandes companhias através da redução dos preços (batalha das concorrências) - 253 p3/254 p3

- Como os trustes se formam

John Rockefeller Jr. (abaixo) - 254 p4

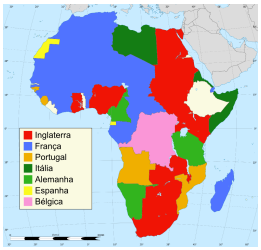


Trustes nos Estados Unidos começaram no petróleo. Standard Oil controlava 80% do mercado em 1904 - 254 p5

Outros trustes: aço, açúcar, carvão, uísque, etc - 254 p5
Formação dos trustes e seu objetivo: controlar o preço pelo controle da oferta - 254 p final/255 topo
Cartéis - 255 p1/256 p3

- Acordo contratual entre empresas independentes para controlar os preços

O problema dos cartéis e trustes - 256 p4/p5
O monopólio dos bancos e do dinheiro - 256 p6/257
Bancos ditando políticas às empresas. Poder através do controle do crédito - 257 p4
Depois de 1870 o capitalismo virou monopolista - 258 p3
Como essa mudança levou ao imperialismo - 258 p4/259
As colônias na África (abaixo) - 259 p5/260




Stanley e Livingstone (abaixo) na África - 259 p final



Os Estados Unidos adota posição imperialista partir de 1898 - 260 p3
Outra utilidade das colônias (além de escoar os produtos): suprir matérias-primas - 260 p final
Itália e a invasão da Etiópia em 1935: para suprir o país de algodão e café, que representava boa parte das importações - 260 final/261
Outro motivo da expansão imperialista: Os excesso de capital e a necessidade de novos investimentos - 261/263

- Devido a superconcentração de capital nos países desenvolvidos

Porque o capital não era investido em melhorar os países de onde ele saía (as próprias metrópoles)? - 262
O capitalismo financeiro atual - 263 p1
Como o imperialismo se expandia nas colônias - 263 p3
Cecil Rhodes (abaixo) - 264 p2, 270




Forças militares europeias defendem interesses do imperialismo nas colônias - 264 p3/p4
Instituição de impostos nas colônias - 264 p4/265 p1

- Forçando homens ao trabalho nos empreendimentos capitalistas

Atrocidades nas colônias - 265
País não precisava ser diretamente governado para virar colônia dos imperialistas (Ex: China e América do Sul), podia apenas estar na esfera de influência - 265 p3
Como os trustes controlam o governo - 265 p4/266
General Smedley D. Butler (1881-1940) (abaixo) e seu depoimento sobre sua atuação como quadrilheiro para o capitalismo - 266 p3/267 p3



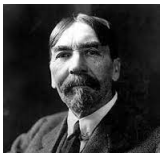
Imperialismo continua vivo e forte - 267 p3
As empresas e trustes norte-americanos hoje (1936) - 267 p4/268
Como o imperialismo leva a guerra - 269

## 20 - O ELO MAIS FRACO

*As constantes crises do capitalismo e quais as suas causas. A teoria de Marx da tendência da redução da taxa de lucro.*

A super produção no capitalismo - 271
As crises antes do século 18 e suas causas (crises de escassez) - 271 p4/272 p1
As características das crises no capitalismo - 272 p2/p4
No capitalismo tudo é feito pelo lucro, e se não há lucro nada é feito - 272 p final/274 p2
Frase genial de Thorstein Veblen (abaixo) - 273 p3 L5

- "A maior realização no mundo dos negócios, cabe a quem mais se aproxima de ganhar alguma coisa em troca de nada."



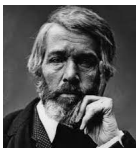
Discussões dos economistas capitalistas: Quais as causas das crises? - 274 p2/284

- Busca de causas específicas para cada crise (não tentam conectar as crises e achar fator comum) - 274 p3
- Causas físicas e climáticas - 274 p4/p5
- Causas psicológicas - 275/276 p2
- Problema no sistema monetário - 276 p3/278 p4
- Teoria da super-poupança ou subconsumo - 278 p5/280 p2
- Problema é baixo investimento do capitalista - 280 p3/p4

O dilema do capitalismo - 280 p5/281 p2
A teoria de Marx sobre a causa das crises - 281 p2/284

- tendência da redução da taxa de lucro

Diferença entre capital constante e variável - 281 p5/282 p1
Explicação da teoria da redução da taxa de lucro - 282/284
Resumo rápido da teoria - 283 final/284 p3
======
Thomas Carlyle (abaixo) sobre o capitalismo - 284 final



## 21 - A RÚSSIA TEM UM PLANO

*A URSS, o comunismo e as vantagens da economia planificada.*

A revolução bolchevique na Rússia - 285
Porque do sucesso dessa revolução - 285 p3/287 p1
O gênio de Lênin (abaixo) - 286 p2, 287 p1



*Conservarão os bolcheviques o Poder estatal?* Texto de Lênin - 286 p3//final

- https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/10/14.htm

A obra de John Reed (abaixo) - 287 p2





1932 - fim do processo revolucionário, bases estabelecidas - 287 p3
A abolição da propriedade privada dos meios de produção - 288 p1/p3
1936 - telegrama de jornalista do The New York Times de Moscou sobre a Rússia comunista - 288 final/289 p3
Andrey Andreyevich Andreyev, secretário do Comitê Central (abaixo) - 289 p1



Impostos excessivos para destruir indústrias não socializadas - 289 p2
Coletivização da indústria pronta em 1936 - 289 p4

Organizando e planificando a economia - 289 p final/290 p1
A planificação - 290/305
Indicação de livros sobre a URSS: *Soviet Communism: A New Civilization* (abaixo) - 290 final



Soviet Communism:
A New Civilization
Part II

Sidney & Beatrice Webb



O objetivo geral do plano - 291 p1
Comissão de planejamento estatal (Gosplan) - 291 p3/292 p1

- 2 mil peritos
- Governo toma decisões baseado nas conclusões da Gosplan

O primeiro esboço do plano - 292 p2
Depois de ser discutida em todos os níveis da sociedade o plano volta revisado para a Gosplan - 292 p3
A democracia soviética - 292 p4/293 p1
Exame final do plano pela Gosplan e execução - 293 p2
Objetivos essenciais no início da URSS - 293 p3/294 p1
Primeiras decisões políticas que tiveram que ser feitas - 294
Resposta foi determinada pelo medo de ataque externo - 294 p4
A escolha pelo investimento na indústria - 294 p5/295 p1
Os sacrifícios necessários - 295
Em 1936 a URSS havia começado gradativamente a aumentar a produção de bens de consumo - 296
Se a revolução tivesse ocorrido nos EUA esse tipo de escolha não seria necessária pois lá a indústria já estava consolidada - 296 p3
A Rússia teve que começar praticamente do nada - 296 p4
O plano quinquenal previa um aumento incrível de 18% na produção nacional - 296 final/297 p1
Qual a fonte de capital para a construção da indústria Soviética? - 297 p2/299

- Poupança nacional
- Comércio exterior

A mecanização da produção na URSS - 298 p5
Gosplan também decidiu sobre o comércio exterior - 298 p6/299
A URSS continuou a sofrer com as crises do capitalismo devido à necessidade do comércio exterior - 299 p3/300 p3
Perturbações no plano por problemas internos - 300 p final/301 p1
Falha na abertura de fábricas de automóveis em Gorki - 301 p2
A inexperiência industrial russa levou a erros - 301 p3
Falta de incentivo por não haver chance de lucro? Bobagem, no capitalismo a maioria das pessoas trabalha por salários fixos - 302/303 p1
A concorrência socialista - 302 p4
As recompensas ao bom trabalho na URSS - 302 final
A grande iniciativa Soviética (espírito de aventura para tentar novas ideias e projetos ambiciosos) - 303 p2
Objeções dos economistas capitalistas ao planejamento soviético - 303 p3/304 p1
Resposta dos planificadores - 304 p2/305 p2
=====
A nova constituição da URSS em 1936 - 305

## 22 - DESISTIRÃO ELES DO AÇÚCAR?

*Sobre a crise do capitalismo após a quebra da Bolsa em 1929 e as ações dos governos capitalistas para resolver os problemas. A ascensão do nazi-fascismo.*

O colapso causado pela crise de 1929 - 306
O plano para abolir a abundância - 306/308

- AAA - Agricultural Adjustment Administration
  - https://en.wikipedia.org/wiki/Agricultural_Adjustment_Act
- Destruição de produção agrícola e redução da produção
- Brasil destruiu 30% da safra de café em 1936
- Na Inglaterra se diminuiu capacidade produtiva de algodão

Porquê dessas medidas? - 308 final/309 p1
O plano New Deal é comparado a terremoto, pelo poder destrutivo - 309 p2
Incapacidade capitalista de criar plano verdadeiro para a economia - 309 final

- Planejamento só é possível sem a propriedade privada dos meios de produção

Autor brilhante sobre as limitações do capitalismo - 310 p3/311 p1

- Exemplo de problema das favelas

O que é bom para a comunidade pode ser ruim para a propriedade privada - 311 p3/final
Argumentos dos capitalistas a favor do capitalismo - 311 final/312 p3
A ironia da crítica dos capitalistas ao planejamento da economia - 312 p4
Porque capitalista se opõe ao planejamento e a governos intervencionistas? - 312 p5/314 p2

- Capitalistas são contra qualquer planejamento social que possa impedir seus lucros, logo são contra qualquer governo que atue demais em regular a economia

Quando o planejamento se torna inevitável para manter o capitalismo: a ascensão do fascismo - 314 p3/316



Como os nazistas conseguiram atrair os socialistas para o nazismo com falsas promessas - 314 p final/315 p5

O mesmo ocorreu na Itália fascista - 315 p6/316 p3

As consequências da ascensão do fascismo e nazismo (livro foi escrito em 1936, antes da WW2) - 316 p final/318

Porquê da necessidade da guerra para o nazi-fascismo - 317 p final

Fascismo é saída para evitar o comunismo - 318 p1

História indiana contada por Arthur Morgan sobre macacos e açúcar (metáfora do capitalismo) - 318 p2

*HUBERMAN, Leo.* ***História da Riqueza do Hom****em. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.*

*História da Riqueza do Homem* é um clássico da história econômica lançado em 1936, e que ainda hoje permanece sendo vendido e relançado. A versão atualmente nas lojas já é a 22° edição brasileira! (A edição que li foi a 19°) A obra faz sucesso não só por ser muito bem escrita, mas também porque o autor foi capaz de explicar conceitos econômicos complexos para o público geral e traçar um panorama do desenvolvimento econômico da civilização ocidental desde a Alta Idade Média até os dias atuais.

# Comentários sobre a obra

*História da Riqueza do Homem* é quase um livro perfeito. Uma obra incrivelmente bem escrita, tornando a leitura extremamente agradável e prazerosa. O autor apresenta a história econômica do mundo ocidental desde a Idade Média até a década de 1930, quando a obra foi escrita.

## A análise materialista histórica

O método utilizado pelo autor é a análise materialista histórica, ou seja, há um foco muito grande nos conflitos de classes, nas mudanças de sistemas econômicos e nas incoerências de cada sistema. O autor também se utiliza dos termos estrutura (relações de produção) e superestrutura (relações culturais, sociais e políticas, que são reflexos das mudanças na estrutura e não causadoras de mudanças). Esse é o ponto mais importante da análise materialista histórica: são os conflitos de classes e as mudanças nos sistemas de produção que causam todas as mudanças na sociedade, todas as demais estruturas são apenas consequências das alterações nessas áreas.

Confira um trecho da obra em que o autor descreve esse processo:

> Quando ocorreu a revolução dos modos de produção e troca, que denominamos de modificação do feudalismo ao capitalismo o que aconteceu à velha ciência, ao velho direito, à velha educação, ao velho governo, à velha religião? Também se modificaram. Tinham de modificar-se. O direito do ano 1800 era totalmente diferente do direito do ano 1200. O mesmo ocorreu com o ensino religioso. O mundo dominado pelos comerciantes, fabricantes, banqueiros, exigiu um conjunto de preceitos religiosos diferentes dos do mundo dominado pelos sacerdotes e guerreiros. Numa sociedade em que o objetivo do trabalho era apenas conseguir um sustento adequado para si e para a família, a Igreja podia denunciar os aproveitadores. Mas numa sociedade em que o principal objetivo do trabalho era o lucro, então a Igreja tinha de adotar uma linguagem diferente. E se a Igreja Católica, engrenada numa economia feudal e manual, em que o artesão trabalhava simplesmente para viver, não podia modificar seus ensinamentos de forma bastante rápida para enquadrarse na economia capitalista, onde o industrial trabalhava para ter lucro, então a Igreja Protestante podia. Ela dividiu-se em muitas seitas diferentes, mas em todas, e em graus variados, o capitalista interessado nos bens materiais podia encontrar consolo. (p.179)

Também é importante dizer: o autor é claramente de esquerda e demonstra um apreço pelos movimentos populares, critica duramente o capitalismo e descreve os primeiros anos da URSS com um certo nível de admiração pouco contido.

Mas isso não torna esta uma obra de cunho político panfletário, embora esse tenha sido um livro sempre valorizado por movimentos de esquerda, especialmente na década de 1970. Leo Huberman é muito consciente em seus argumentos e apresenta uma análise séria e inteligente do desenvolvimento econômico da nossa civilização.

## Os temas

O autor deixa muito claro os objetivos e limites da obra no Prefácio. Confira nas palavras do próprio Leo Huberman:

> ESTE livro tem um duplo objetivo. É uma tentativa de explicar a história pela teoria econômica, e a teoria econômica pela história. Essa inter-relação é importante — é necessária, O ensino da história se ressente quando pouca atenção se dispensa ao seu aspecto econômico; e a teoria econômica se torna monótona, quando divorciada de seu fundo histórico. A “Ciência triste” [economia] continuará triste, enquanto ensinada e estudada num vácuo histórico. A lei da renda de Ricardo é, em si, difícil e insípida. Mas situada em seu contexto histórico, vista como uma batalha na luta entre proprietários de terras e industriais, na Inglaterra do início do século XIX, ela se tornará animada e significativa. Este livro não pretende ser

> exaustivo. Não é uma história econômica nem uma história do pensamento econômico — mas um pouco de ambas. Tenta explicar, em termos de desenvolvimento das instituições econômicas, por que certas doutrinas surgiram em determinado momento, como se originaram na própria estrutura da vida social, e como se desenvolveram, modificaram e foram ultrapassadas, ao mudarem os padrões daquela estrutura. (p.7)

Como foi possível observar no resumo dos capítulos acima, o autor se foca nos seguintes temas:

- História Econômica da Idade Média (cap.1-7)
- Mercantilismo (cap.8-11)
- Liberalismo e ascensão do Capitalismo (cap.12-17)
- Marx e o Socialismo (cap.18)
- o Capitalismo e o Imperialismo (cap.19, 20, 22)
- a URSS (cap.21)

## Datas e cronologia

A obra apresenta os temas de forma cronologia, mas nem tanto. Cada capítulo tem um tema e por isso é comum o autor tratar do período entre o século 12-16 em um capítulo, e depois, em outro capítulo, retornar ao século 15 para tratar de outro tema. Mas no geral a obra se apresenta de forma cronológica, o que torna a compreensão do desenvolvimento econômico mais simples.

Eu teria ficado mais feliz se o livro apresentasse mais datas, para que pudesse me posicionar melhor cronologicamente. Acho que isso teria contribuído para um entendimento ainda maior. Mas a forma como o autor apresenta os temas também deixa claro os séculos que ele está apresentando. Mas talvez para estudantes iniciantes, e com menos domínio dos temas, isso possa ser algo mais problemático.

O livro não conta com nenhuma lista de datas. Uma pena, pois uma cronologia ao final do livro teria sido interessante para posicionar o leitor diante de tantos eventos, teorias econômicas e mudanças na sociedade.

## Fontes primárias

O autor oferece muitos trechos de documentos e fontes primárias para ilustrar os seus argumentos. Esse é realmente um dos pontos altos do livro, já que podemos ver os fatos sendo descritos nas palavras das pessoas que os testemunharam. As fontes primárias sempre contribuem para uma visão mais profunda. Que forma melhor de entender a lógica das Corporações de Ofício do que ler um trecho do Estatuto de uma Corporação dos Curtidores de Couro? Que forma melhor de entender a perseguição capitalista aos sindicatos do que ler um trecho da sentença de um juiz hipócrita contra líderes sindicais?

## As ciências econômicas

Huberman também apresenta o desenvolvimento das ciências econômicas. Escritos econômicos complexos não são uma coisa tão antiga na história da humanidade. Os primeiros escritores a se dedicarem profundamente a tentar entender as estruturas econômicas das relações humanas, surgiram apenas com o surgimento dos Estados Nacionais, nos séculos finais da Idade Média. E foi com o mercantilismo que as ciências econômicas realmente começaram a formular teorias visando gerar e manter riqueza dentro dos Estados.

Nessa obra o autor apresenta de forma simples e didática as teorias formuladas por eles, dando destaque especial aos economistas do século 18 ao 20. Nomes como Adam Smith, os fisiocratas franceses, David Ricardo, Thomas Malthus, James Mill, John Ramsay McCulloch, Nassau Senior, John Stuart Mill, Francis Walker, Friedrich List, Karl Marx e Friedrich Engels, Robert Owen, Charles Fourier, Saint-Simon, Etienne Cabet, Stanley Jevons, Karl Menger, Léon Walras, Lênin, etc.

## Probleminhas?

O livro foi escrito em 1936, então ele parece incompleto quando chegamos as páginas finais, o autor faz considerações sobre a URSS (que nem existe mais), e sobre o nazi-fascismo ANTES da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), embora o autor já parecesse pressentir que a guerra que se aproximava era inevitável. Então talvez os capítulos 21 e 22 podem ser

erroneamente considerados ultrapassados por algumas pessoas, embora eles apresentem informações muito relevantes sobre as primeiras décadas do século 20.

É uma pena que o livro comece na Idade Média. Seria muito interessante ver o que o autor teria a dizer sobre a formação das primeiras sociedades, os conflitos pela terra na antiguidade (tão importantes na História da Grécia e da Roma Antiga), o escravismo antigo e o sistema de colonato dos séculos finais da antiguidade.

Quer saber ainda mais sobre a obra? Você pode conferir fotos do livro e minhas anotações de leitura (na tarja acima dessa resenha) e abaixo você encontra alguns trechos do livro, várias citações da obra para conhecer melhor o estilo de escrita do autor. O livro também está disponível na Library Genesis.

Resenha escrita em 10/07/2022.